Dora Kramer*

Haddad está diferente

O ministro Fernando Haddad (PT) está diferente. Já faz algum tempo e foi um pouco antes da onda dos ricos contra pobres. A mudança ocorreu por ocasião da chamada crise do Pix, quando dizia que críticas ao governo equivaliam a ataques à democracia.

De início soou um tanto estranha a inflexão do discurso na boca do até então ministro que se atinha às questões da Fazenda de maneira, digamos, técnica, sem se deixar levar por emoções político/eleitorais.

Haddad representava um espaço de racionalidade no ambiente das tensões petistas com a oposição e pagava um preço por isso no partido. Era tido quase como um quinta-coluna. Culpado pelos revezes do governo, viu-se isolado e não raro desqualificado por excessivamente comedido.

A situação o atingiu pessoalmente. No semblante, era nítido o cansaço e o desconforto. A ponto de, à época, se especular sobre sua permanência no ministério. Foi dado inclusive como excluído das possibilidades eleitorais do PT. Alguém assim, de modos tão equilibrados, não poderia almejar eventual substituição de Lula (PT) na corrida presidencial ou na disputa estadual em São Paulo.

OPINIÃO

Mas isso tudo faz tempo; Fernando Haddad mudou. Vestiu a farda de militante, adotou vocabulário de palanque e passou a se mostrar um combatente afiado dos "nós contra eles" e agora no embate com o Congresso, chamado pelo governo a fechar as contas públicas.

Antes disso seria inimaginável ouvir de Haddad, por exemplo, termos como "abanar o rabo" para dizer o que o Brasil não fará no encaminhamento da crise do tarifaço

americano. Poderia expressar a ideia de altivez de outra forma, mas a escolha das palavras não se deu por acaso.

Pareceu também bem calculado o linguajar adotado na cobrança pela aprovação de novos impostos: "Precisamos cobrar de quem mora na cobertura e não quer pagar o condomínio". Haddad voltou a ser prestigiado e defendido no PT, passou a ser visto com reservas pelos moradores da "cobertura" e está com o maior jeito de candidato.

> *Jornalista e comentarista de política

EDITORIAL

As ondas políticas na América do Sul

A eleição de Rodrigo Paz Pereira não marca apenas o fim da era da esquerda na Bolívia depois de 20 anos, mas também um processo eleitoral que vem sendo feito nos países da América do Sul.

Durante muito tempo, as nações sul-americanas foram dominadas pela onda da esquerda, principalmente entre os anos de 2010-2020, capitaneados pelo efeito Lula no Brasil. As ideias do bem-estar social e de um progresso social estavam mais em voga e foram difundidas pelos países. Porém, ja na virada para a década de 2020, as coisas começaram a mudar e uma ideia de conservadorismo começou a crescer, com alguns territórios, como o próprio Brasil, migrando para governos mais ao centro e à direita. Hoje, há uma divisão entre as ideologias, mas com algumas peculiaridades a serem vistas em cada nação.

Uma que faz bem esse revezamento, muito em virtude de sua constituição, que não permite reeleição, é o Chile. Desde a saída de Michelle Bachelet a esquerda não tem mais a mesma força no país. Mas ora fica se revezando o poder com a direita, como se a população também não gostasse de um governo ou de outro, querendo mudança constante de domínio político.

Para as próximas eleições, por exemplo, o grande favorito é o centro-direita José Antônio Kast, que já se candidatou à presidência nas eleições de 2017, mas não foi ao segundo turno. Sua principal adversária é a comunista Jeannette Jara, que pode ser a continuidade de um governo de esquerda, mas num caminho um pouco mais radical ao de Gabriel Boric.

De qualquer forma, o Chile tem essa peculiaridade de trocar o governo caso não goste do estilo dele, seja de direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Algo que deixa o país numa dinâmica constante de poder.

Na outra ponta, tem o Peru, que não consegue se equilibrar e vai para mais uma eleição, com nenhum governante conseguindo cumprir nem metade do mandato, por questões de brigas políticas internas ou escândalos de corrupção. O país, que desde a eleição de Ollanta Humalla, em 2011, não vê um presidente cumprindo os cinco anos de forma completa. José Nerí é mais um interino, que fica na cadeira e no comando do país.

Para não deixar de lado, existe a Venezuela. Não se sabe o que tem lá, se uma ditadura ou um governo tecnocrata. De qualquer forma, Nicolas Maduro se perpetua no poder como descendente de Hugo Chavéz, mas acho que o ex-presidente, mesmo vivo, não iria gostar do governo do pupilo. O autoritarismo exacerbado naõ permite uma oposição ou mesmo uma opinião dissonante. A grande prova disso foi o Nobel da Paz a Maria Corina, que virou a voz contra Maduro e contra o poder da esquerda no país.

Se a eleição da Bolívia pode ser um exemplo no que virá ao Brasil em 2026 não se sabe, mas é um parâmetro do que está por vir nessa nova onda da direita na América do Sul, principalmente se Kast vencer no Chile.

Vinícius Lummertz*

Rio, e agora, Babilônia?

O Rio de Janeiro é a cidade que mais viveu a política brasileira. Nenhum outro território concentrou tanta história, glória e trauma. O Rio foi o laboratório de todas as nossas experiências de poder, coloniais, imperiais, republicanas, populistas e democráticas.

Desde o início, foi uma terra disputada por portugueses, espanhóis, corsários ingleses e franceses. Sua baía, de beleza e importância estratégica únicas, foi o ponto de contato entre o sonho europeu e o mistério americano. Viveu as capitanias hereditárias, as lutas pela posse do território e o nascimento de uma sociedade mestiça, criativa e rebelde.

A grande virada veio em 1808, com a chegada da corte portuguesa. Nenhum outro país das Américas recebeu um império europeu inteiro. Dom João VI trouxe o poder, as instituições e a modernidade. Criou o Banco do Brasil, a Imprensa Régia, o Jardim Botânico e a Biblioteca Nacional. O Rio deixou de ser colônia para se tornar capital do Reino. Foi o primeiro salto civilizatório do país e também o primeiro trauma: o Brasil nasceu com o poder transplantado, centralizado e distante de seu próprio povo.

A cidade seria, desde então, o palco dos grandes atos da história nacional. A Independência, proclamada por Dom Pedro I; as Regências e suas revoltas; o Império e seu longo ciclo de estabilidade e desigualdade; o florescimento cultural e científico do Segundo Reinado; e, por fim, a derrocada da monarquia tropical, marcada pelo fim da escravidão e pela proclamação da República.

Mas a República nasceu, também, no Rio, e nasceu militar. Foi um golpe de quartel, uma revolução de generais, que depôs o Império e instaurou um regime civil tutelado pelas fardas. Vieram depois os ciclos oligárquicos da República "café com leite", domínio alternado de mineiros e paulistas, até que novamente o Rio incendiasse a história com a Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder

e encerrou a velha ordem. O Rio foi o palco do Estado Novo, do trabalhismo, da industrialização e do drama final de Vargas, seu suicídio no Palácio do Catete, símbolo de uma política que misturava paixão e tragédia. Depois veio o Lacerdismo, expressão máxima da oratória e da teatralidade política carioca, prenúncio de uma era em que a política brasileira se transformaria em espetáculo.

Quando a capital foi transferida para Brasília, o Rio perdeu o centro do poder formal, mas manteve o da alma nacional. A cidade deixou de comandar o Estado, mas passou a comandar o imaginário. Brasília representava o poder racional e planejado; o Rio, o poder emocional e vivido. O coração político do Brasil mudou de lugar, mas a alma ficou ali, entre o Pão de Açúcar e o Corcovado.

Durante o regime militar, o Rio perdeu influência institucional, mas ganhou densidade cultural. Da resistência nasceram a bossa nova, o cinema novo, o teatro político, o jornalismo moderno e a televisão popular. O Rio tornou-se a consciência estética e moral do

Foi também o berço de um mito urbano global: a "cidade maravilhosa", mistura de natureza e invenção humana. Do samba ao futebol, do carnaval ao calçadão de Copacabana, o Rio transformou o cotidiano em espetáculo. Exportou alegria, corpo, ritmo e linguagem. E o Brasil aprendeu a se ver e a ser visto por meio de sua estética

Nos anos 1950 a 1980, viveu um brilho planetário. Era uma Babilônia tropical, esplendorosa e contraditória, rebelde e sensual, convivendo com o contraste entre o Cristo e o morro, o mar e a desigualdade. O Rio era o palco onde o Brasil se representava diante do mundo, exuberante e ferido, moderno e arcaico, luminoso e trágico.

Mesmo depois da decadência, o Rio manteve o dom de comover. Recebeu o planeta na Copa de 2014 e nas Olimpíadas de 2016, e mostrou que ainda sabia emocionar e celebrar. Nenhuma outra cidade do mundo, em tão pouco tempo, sediou tantos eventos planetários com tamanha energia. Mas a ressaca veio rápido: colapso fiscal, corrupção, violência, desalento. O império virou ruína, e a ruína virou espelho.

Ainda assim, o Rio não se entrega. Sua força está na cultura, no talento e na resiliência, essa capacidade rara de renascer de si mesmo. É uma cidade que cai e se ergue, que se perde e se reencontra. Como a Babilônia bíblica, é símbolo de grandeza e advertência: mostra o que o Brasil pode ser e o que o Brasil teme se tornar.

O que o Rio mostrou todos esses anos é que sempre conseguiu sair das encruzilhadas e surpreender. A Babilônia carioca sempre deu a volta por cima, até aqui, até

agora. A encruzilhada desta vez parece maior. A proporcionalidade do problema aumentou. Mas nem por isso, como em tantas outras vezes, devemos desistir.

O Rio fundou a grande inteligência do sistema financeiro brasileiro, do petróleo e gás e da economia criativa. Agora, dá novos passos ao olhar o futuro com os olhos do Brasil: aposta em inovação, tecnologia, inteligência artificial e data centers, em meio a revoluções que já estão na cabeça do prefeito Eduardo Paes, com o apoio do Milken Institute, um dos mais respeitados think tanks ame-

Em meio a tantos desafios, o Rio aposta novamente na criatividade, na inteligência e na reinvenção. É o mesmo espírito que moveu o passado e que pode redesenhar o futuro. O bom humor carioca nunca acaba: no máximo, faz uma pausa para uma sequência de palavrões, e logo depois volta o sorriso e a esperança no ar.

Falo como catarinense que vive a ponte aérea entre Florianópolis e São Paulo, mas que já morou no Rio em dois períodos da vida e teve a graça de ser declarado cidadão carioca pela Câmara de Vereadores. Foi um dos melhores presentes que recebi na vida pública — e talvez o mais simbólico, porque me fez entender que o Rio é mais do que uma cidade: é uma alma que o Brasil inteiro carrega dentro de si.

*Vinícius Lummertz é Senior Fellow do Milken Institute, foi ministro do Turismo e secretário de Turismo e Viagens de São Paulo.

Arte erudita precisa ser popular

O Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro recebe, até o dia 25 de outubro, sempre às 19h, o Notas Comentadas, série de música de câmara da Orquestra Petrobras Sinfônica. A programação reúne três concertos gratuitos que evidenciam a versatilidade dos músicos da orquestra, com repertórios variados e experiências sonoras de grande proximidade com o público. As apresentações também contam com a presença de Monique Andries, coordenadora do Núcleo Educativo e Academia Juvenil da Petrobras Sinfônica, que fará comentários explicativos sobre as obras, compositores e músicos.

Nos últimos anos, a Orquestra Petrobras Sinfônica vem fazendo apresentações acessíveis a todos, mostrando que aquela história de que o brasileiro comum não gosta de cultura erudita não passa de uma grande balela. O que faltava mesmo eram oportunidades po-

pulares para que pudesse apreciar e prestigiar grandes obras.

Nesta sexta-feira (24), entra em cena um grupo de cordas e clarineta, que une lirismo e intensidade em obras de Carl Maria von Weber e Johannes Brahms.

O encerramento, no dia 25, sábado, será com um quinteto de flauta e cordas, em um encontro que destaca a delicadeza e a leveza das melodias de Mozart, Ravel e Marcelo Bomfim.

Quem não conseguir ir neste fim de semana terá outras oportunidades. Isso porque a série Notas Comentadas se estende até o fim do ano. O público também poderá conferir a Orquestra Petrobras Sinfônica no CCBB entre 13 e 15 de novembro e 11 a 13 de dezembro.

Se querem que o povo curta música erudita, ações gratuitas como essa são fundamentais. Baita acerto dos envolvidos.

Aristóteles Drummond

O Supremo Político

Virou moda aspirantes a altos cargos eletivos dizer que não são políticos. E, com certa hipocrisia, tem sido comum o uso de uma pretensa distância da política ser proclamada como grande qualidade. Fraude, ignorância e certa arrogância.

Não existe democracia sem políticos. E a democracia tem se enfraquecido em muitos países, como no nosso, pelo distanciamento de suas elites empresariais e intelectuais da vida pública. Esta atitude abriu espaço para aventureiros, fariseus, que exploram a fé, a desilusão popular com tanto abandono do espírito público que marcou as gerações anteriores. Por outro lado, criticam o Judiciário

por uma suposta postura política, que, na verdade, se dá pela omissão do Poder Legislativo, que fica na baixa política e não legisla para tirar o país da dependência dos tri-

Grandes nomes do Supremo Tribunal na República foram políticos com presença no Legislativo. Assim como Rui Barbosa e Epitácio Pessoa, os deputados marcantes como Adauto Lúcio Cardoso, Bilac Pinto, Oscar Corrêa, Aliomar Baleeiro, Nelson Jobim, Hermes Lima e Paulo Brossard. Notáveis juristas, advogados, tiveram passagem pelas urnas, como Bernardo Cabral, o relator da Constituição de 88, o professor Cotrim Neto e San Tiago Dantas, entre outros.

Todos ilibados e sem confundir o compromisso com a lei com opções políticas ou ideológicas.

A crise que vivemos pela falta de harmonia entre poderes tem parcela de culpa no Legislativo e na sociedade, que não cobra o exercício do dever constitucional de legislar, que poderia definir muitas das questões que o Supremo Tribunal acabou por ocupar por causa do vazio da omissão dos políticos. O Supremo Tribunal não precisava passar de interpretar a lei, função que lhe cabe, para criar leis. E o Executivo não poderia confrontar - e insultar magistrados, nem promover aliança tática unindo dois poderes contra um, quando deveria ser independente.

Trazer de volta as chamadas forças vivas da nação, empresários, profissionais liberais, intelectuais, formadores de opinião que não sejam radicais, e sim alheios a este clima perverso de confronto que vivemos e compromete o futuro com ordem e progresso, é medida que se impõe. Afinal, todos terão muito a perder com o derretimento do país, que tem problemas que pedem soluções enquanto é tempo.

A mais é bom lembrar que político com mandato foi votado. Para os parlamentares serem melhores os eleitores precisam ser

Novos tempos, novos atores!

Opinião do leitor

Genérico

Metade dos médicos não confia em remédio genérico. 83% dos consumidores consideram os medicamentos genéricos tão bons quanto os produtos de marca, mas 42% dos profissionais de saúde não têm o hábito de prescrevê-los, revela pesquisa.

> José Ribamar Pinheiro Filho Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JUNTA MILITAR ASSUME O PODER NO BRASIL assumem o Brasil provisoriamente.

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de outubro de 1930 foram: Triunfa a Revolução!

Washington Luiz é intimado a deixar o poder pelos generais de Terra e Mar. Mena Barreto e Juarez Távora

População carioca vai às ruas celebrar a renúncia do presidente.

tos de Indochina.

As principais notícias do Correio da Manhã em 24 de outubro de 1950 foram: Urnas revelam traições no PSD contra Machado para eleger Vargas, que também recebeu grande

apoio dos comunistas. Em nova parcial, o senador gaúcho chega aos 3,5 milhões de votos e Eduardo Gomes está com 2,1 milhões; Cristiano Machado tem 1,5 milhão de votos. Lei

HÁ 75 ANOS: COMUNISTAS VOTARAM EM VARGAS PARA PRESIDENTE do Inquilinato trava a pauta do Senado. Tropas da ONU encontram armamentos sovieticos na Coreia do Norte. França debate acontecimen-

Correio da Manhã

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963) Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br **Redação:** Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872 Whatsapp: (21) 97948-0452 Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057 Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.